

UMA APROXIMAÇÃO À IDEIA DE DEMOCRACIA A PARTIR DE GABRIEL MARCEL

[AN APPROXIMATION TO THE IDEA OF DEMOCRACY INSPIRED ON GABRIEL MARCEL]

Paulo Alexandre Marcelino Malafaia
pmalafaia@bol.com.br

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como tese sobre Gabriel Marcel e Nietzsche acerca do tema da morte de Deus e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem atuado há mais de uma década em diversas Instituições de Ensino Superior e de Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro como professor de Filosofia. Destacadamente, leciona desde 2005 no Colégio Pedro II, também no Rio de Janeiro. Tem se dedicado tanto a pesquisas referentes à Filosofia Medieval e sua relação com a Teologia, a Filosofia da Religião e ao Ensino de Filosofia, assim como pesquisa leituras contemporâneas da própria experiência religiosa.

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1229](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1229)

Recebido em: 18 de novembro de 2019. Aprovado em: 10/12/2019

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 105-126 - ISSN 1984-5561
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

Resumo: O artigo apresenta a noção de democracia em Gabriel Marcel para ressignificar e atualizar algum sentido interpretativo que ela pode readquirir diante dos desafios enfrentados nesse conturbado início de século XXI. Para realizar esta investigação- interpretação, toma-se por base a desconfiança de uma ideologia que procura justificar filosoficamente a democracia, enunciada pelo autor no *Prefácio* de sua obra mais marcadamente política, *Les hommes contre l'humain*. O percurso oferecido é o de procurar entender as razões dessa desconfiança, ao mesmo tempo em que se desfiam os conceitos e descrições fenomenológicas que estão nela implicados para, por fim, indicar algumas pistas que possibilitem ressignificar a noção mencionada.

Palavras-chaves: Gabriel Marcel. Democracia. Universal Concreto. Espírito de Abstração. Intersubjetividade.

Abstract: The article presents Gabriel Marcel's notion about democracy in order to resignify and update some interpretative meaning that it can regain in the face of the challenges faced in this troubled early 21st century. To carry out this research-interpretation, it is based on the distrust of an ideology that seeks to philosophically justify the democracy, enunciated by the author in the Preface to his most markedly political work, *Les hommes contre l'humain*. The course offered is to try to understand the reasons for this distrust, while at the same time deflecting the phenomenological concepts and descriptions that are implied in it, and, finally, to indicate some clues that might resignify the notion mentioned.

Keywords: Gabriel Marcel. Democracy. Universal Concrete. Spirit of Abstraction. Intersubjectivity.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

*Talvez só se possa instaurar uma ordem terrestre estável
se o homem mantém uma consciência aguda de sua condição 'itinerante'
(Gabriel Marcel, *Homo viator*¹).*

INTRODUÇÃO: A INDISSOCIABILIDADE DA POLÍTICA E DEMAIS ASPECTOS DA OBRA DE MARCEL

Em *Les hommes contre l'humain* (HCH), o primeiro esclarecimento que Gabriel Marcel se propõe a fazer é indicar que este é um texto político e que, ademais, não autoriza as interpretações daqueles que viam uma espécie de cisão entre esses aspectos e os demais domínios de seu pensamento. Em suma, há uma *linha infrangível* que une os demais sentidos de sua obra às suas posições políticas: a *reflexão* sobre o “espírito de abstração”, preocupação longínqua do autor. A “antiguidade” das reflexões de Marcel a este respeito é destacada pelo autor da seguinte forma:

No aspecto dinâmico, toda a minha obra filosófica é um combate obstinado e sem tréguas contra o espírito de abstração. Desde o começo, desde os escritos inéditos de 1911-1912 – influência de Bergson? Não ousou assegurá-lo, mas é possível – contestava toda filosofia encarcerada em abstrações”².

Ora, toda esta temática é evidenciada desde o próprio título do prefácio, *O universal contra as multidões*. Ainda mais com a enfática afirmação de que “*O universal contra as multidões*: tal é sem dúvida o verdadeiro título dessa obra”³. Voltarei a esse ponto mais adiante.

“DESCONFIANÇA DEMOCRÁTICA” E ESPÍRITO-AMOR

O teor político do texto é enfatizado pela difícil afirmação de Marcel de que desconfia de uma ideologia que pretende justificar filosoficamente a democracia. Na sequência, tem-se uma descrição narrativa de alguns episódios vivenciados pelo autor indicando experiências de terror diante do confronto pessoal com eventos históricos de grande monta. A desconfiança dirigida àquela ideologia toma por base certo “fanatismo igualitário” que pode promover verdadeiros estragos. Desta forma, ao terror infantil por parte da história da Revolução Francesa somaram-se, mais tarde, os horrores do nazismo e do stalinismo, e ainda as ignomínias de certa depuração. É bem possível que, com esta última consideração, Marcel tenha presente o genocídio dos hereros (de 1904 até 1911) e

¹ *Avant-propos*, p. 5; e *Valeur et immortalité*, p. 213

² HCH, p. 5. Ademais, apenas para reforçar a impossibilidade daquela cisão mencionada no parágrafo anterior, é interessante notar que uma obra que se propõe a ser iminentemente metafísica, como é o caso de *Homo Viator* (cf. p. 33), levanta, num dado momento, questões muito próximas às que são exploradas em HCH.

³ MARCEL, G., HCH, p. 12.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

dos armênios (1915). No entanto, há outra situação política pungente (também essa com ecos étnicos) que Marcel menciona mais adiante em várias passagens de HCH: a depuração pretendida pela Resistência francesa, por óbvio, depois da Libertação no verão de 1944. O que todos esses casos têm em comum é a possibilidade de compreender a conexão existente entre a abstração e a violência coletiva que ganham vida desde a infância do autor e que vai sendo compreendida e refletida como parte de sua obra filosófica. Antes, tal conexão estava subentendida; com HCH, algumas destas conexões vêm a lume como que numa tentativa de explicitação. Algo nuclear a ser explicitado é, justamente, que o espírito de abstração é essencialmente passional; e é precisamente a paixão que gera (certo tipo de) abstração. Na infância, Marcel sentiu o horror que alguns eventos históricos provocaram; mais tarde, tal horror começa a amadurecer sua tentativa de se livrar de abstrações estéreis. Desde há muito, o autor se coloca como alguém que reflete sobre a impossibilidade de alicerçar a paz sob abstrações.

Isto posto, Roger Garaudy critica a descrição da narrativa a partir do horror causado pela tomada de conhecimento da Revolução Francesa da seguinte forma: “O drama está em que as relações pessoais e as relações de amor que descobriu neles mesmos, ele as identifica bastante precipitadamente com relações sociais muito particulares”⁴. O problema desta crítica é seu caráter parcial: Marcel não critica apenas a Revolução Francesa. O que está em jogo nessa espécie de recuperação do autor é um “movimento interior”: aquilo que, num primeiro momento, sequer é inteligido com clareza, mas é experimentado como horror, progressivamente vai se reestruturando com base na reflexão (filosófica) e sendo ressignificado com novos fundamentos. HCH explicita uma espécie de (auto)compreensão que diz respeito tanto à passionalidade do “espírito de abstração” quanto às terríveis consequências que ele pode provocar.

Pode-se dizer que a crítica de Garaudy, no que tange à descrição de Marcel sobre o genocídio decorrente da Revolução Francesa, é facilmente rebatida se olhada sob a ótica da relação entre “espírito de abstração” e promoção do terror. Contudo, não se pode dizer o mesmo da “desconfiança democrática”. Este mesmo comentador, interpretando esta desconfiança de Marcel, indica que, para este, a democracia é “o reinado do se, do abstrato, e do impessoal, da *opinião* que não é fundada numa experiência”. Além disso tudo, Garaudy está chamando a atenção para o caráter “objetificador”, reificador que a democracia parece promover. O desacordo de Marcel com a democracia se fundamentaria, em última instância, numa compreensão epistêmica que entende o objeto como independentemente de mim. Aquele seria “indiferente ao ato pelo qual o penso. O objeto é exterior. É susceptível de ser possuído. É um *haver mental*”⁵. Ora, se a ideia do filósofo francês é promover um espaço no qual a concretude individual humana possa ser pensada em sua singularidade e em suas relações intersubjetivas, como estar de acordo com um “regime de governo” ou “proposta política” que parece se alinhar à reificação da “opinião da maioria” tornada agora objeto (político) e não, propriamente, promover aquilo que é uma das condições mais genuinamente humanas? Será imperativo retomar esse ponto mais adiante. Por ora, retomemos a análise do *Prefácio* de HCH.

Ali o “espírito de abstração” é uma espécie de fio condutor de diversas ilustrações. A primeira delas é o relato do escândalo que Marcel provocou em Jacques e Raïssa Maritain ao afirmar que há gente bem pensante na esquerda. A crítica, num tom quase que irônico, passa pela dificuldade do casal em admitir que outros, divergindo da cosmovisão que sustentam,

⁴ GARAUDY, R. *Perspectivas do homem*, p. 152.

⁵ *Idem*, p. 142.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

podem ser guiados por uma atitude intelectualmente honesta que deve extrapolar qualquer definição prévia de lados ou posições. Desta forma, uma indisponibilidade intelectual que já repele certo lado do *polemós* (guerra, conflito, divergência, mas também polêmica...) diante de certa *philia* (amor, amizade, convergência...) prévia é também uma antipatia que se move pela passionalidade. Opera-se, desta forma, não raras vezes, num certo abrigo intelectual que dispensa o risco do diferente. Uma vez exacerbado, tal temor do risco pode mesmo provocar uma repulsa e mesmo ódio ao diferente.

Outro caminho ilustrativo para a afirmação de realidades semelhantes parte da condescendência com o terror provocado pelo nazifascismo diante da possibilidade que o terror do mundo soviético poderia provocar. Segundo Marcel, trata-se de um relativismo profundamente egocêntrico porque tal condescendência toma por base o terror diante do *meu* porvir.

Ademais, o autor põe em tela a ideia – atribuída a Simone de Beauvoir – de que crimes políticos – e, portanto, de importância histórica – devem ser muito mais severamente punidos do que os ditos crimes comuns. Os primeiros são pecados mortais; os segundos, veniais. Os primeiros atentam contra a natureza da própria história; os segundos são desinteressantes para a história. Trata-se de certa filosofia da história que dirige as possibilidades interpretativas da aplicação da lei e da própria ação ética.

Inadmissibilidade por parte dos Maritain de que há bem pensantes na esquerda; complacência retrospectiva para com o nazismo diante da possibilidade que o futuro apresenta; condescendência para com um tipo de atitude criminosa tendo em vista certa filosofia da história: o que estas interpretações do real parecem ter em comum? Elas apontam a uma das teses centrais de HCH: a de que a passionalidade presente no “espírito de abstração” é mesmo um obstáculo que pode embotar nossos pensamentos.

À pergunta “*o que se deve entender por ‘universal?’*”, Marcel oferece a seguinte resposta: “Não, é claro, uma verdade abstrata, redutível a fórmulas comunicáveis, destinadas a ser depois mecanicamente veiculadas. O universal é o espírito – e o espírito é amor”⁶. Inicialmente, o autor apresenta o “caráter negativo” do universal para, posteriormente, apontar seu “caráter positivo”. “Verdade abstrata” coincide com o “caráter negativo” do universal. Esta, como afirmado, além ser “redutível a fórmulas comunicáveis”, destina-se, “depois” (isto é, após passar por aquela “redução formular”), a ser “mecanicamente veiculada”. Em suma, as veiculações mecânicas daquelas fórmulas não visam à reflexão, mas sim à comunicação daquele reducionismo já abstraído e tomado como verdadeiro. Bem diferente de um processo reducionista e não reflexivo como este, é aquilo que caracteriza (positivamente...) o universal. Próprio deste último é o binômio “espírito-amor”. Entre amor e inteligência não deve haver verdadeiro divórcio. Se o há, inteligência (espírito) tende a se degenerar em uma espécie de “cerebralização”; e o amor a se reduzir a seu apetite carnal. Onde o amor e a inteligência se elevam à mais alta expressão, não podem se desencontrar. Não se trata, pois, de identidade entre inteligência-espírito e amor, mas de encontro. Identidade não nos transportaria para um domínio diferente da abstração. Encontro, por sua vez, insere-nos na dimensão mesma da intersubjetividade: há que haver sintonia (e sinfonia...) entre inteligência-espírito e amor. Trata-se do que se dá através de certo encontro, o que supõe, neste caso, certa atitude interior, certa disponibilidade para aquela sintonia. Inteligência e amor são o que há de mais concreto no mundo.

⁶ MARCEL, Gabriel. HCH, *Idem*, pp. 12.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

Na sequência, Marcel chama a atenção para o fato de que a existência e o desenvolvimento das massas (segundo leis puramente mecânicas) só se dão aquém da dimensão onde são possíveis inteligência e amor. Massas são o humano degradado. Projeta-se nova luz, desta forma, ao título e à própria obra como um todo: *As massas contra o humano* ou, ainda, *O universal autêntico contra as massas*. Mais ainda: no nível das massas não se pode falar em educação, uma vez que esta só é possível no nível da concretude individual humana. Quanto às massas, só pode haver adestramento. E um adestramento tal que tende à (sua) fanatização⁷.

Sintetizo aqui essa importantíssima noção de espírito-amor que Marcel apresenta no desfecho deste seu *Prefácio*. Espírito-amor aponta ao universal concreto na medida em que a condição humana consiste nisso, mas isso não se configura de nenhum modo uma “verdade abstrata”. Tal universalidade não indica generalidades abstratas que etiquetam os indivíduos com rótulos que lhe dizem muito pouco a respeito de suas identidades. Pelo contrário. Tal universalidade indica a partir de quais *condições posso erigir minha existência*. Espírito e amor não são fórmulas facilmente comunicáveis. *Verdades abstratas*, por outro lado, são comuns tanto à elaboração de demonstrações técnico-científicas, quanto a alguns pareceres filosóficos, levam à ideia de multidão, massa, à aglutinação de um todo sem forma e com uma “identidade impessoal”, que reúne em um conjunto pouco expressivo através de elementos genéricos, a razão de serem todos membros daquele grupo. O fato é que verdades abstratas não levam à ideia de espírito-amor. Ora, uma vez que a ideia do autor é buscar um universal concreto e massas não podem sê-lo, parece que o binômio espírito-amor é aquilo que está em nossa condição humana como possibilidade a ser concretizada: isso é de *todos* (universal), mas cabe a cada um *concretamente* buscar as vias pelas quais isso há de acontecer.

TÉCNICAS DE AVILTAMENTO

Um dos estudos de HCH tem o título da presente seção deste artigo. Consoante com a temática geral do livro, Marcel inicia esse texto indicando que considera indispensável “uma espécie de balanço humano depois dos terríveis acontecimentos que devastaram nosso mundo”⁸. Diante do clima de incerteza com relação ao futuro – clima este bastante presente ao longo desta obra –, Marcel julga que é necessário aproveitar a trégua pós II Guerra Mundial – “talvez de curta duração” – para não deixar escapar o sentido histórico, mas sobretudo memorial daqueles acontecimentos. (A história pode tender à abstração. Esse risco seria menor para a memória, segundo o autor).

⁷ A esta altura do *Prefácio* aparecem uma série de temas que serão desdobrados no decorrer do texto de Marcel. Como exemplo, tem-se a assertiva de que as propagandas se prestam a uma eletrização das massas que oferecem apenas uma aparência de vida ou ainda certo *nivelamento por baixo* que estaria na origem de toda revolução. A linguagem de Marcel aqui me parece preocupantemente “elitista”, indicando a existência de certa “ralé da população” que seria mais permeável a esta fanatização a que as massas tendem, mas também a indicação de que toda revolução seria má em si mesma. No entanto, é importante olhar com bastante cuidado esse perigo de uma fanatização a partir de um nível mais baixo. Ao longo de HCH, Marcel indicará o quanto isso passa por um “fanatismo da igualdade” que é preciso entender melhor, destrinchar e indicar o que nela pode haver de benéfica e nociva. Parte da exposição que se segue procurará deslindar esse ponto.

⁸ *Idem*, p. 35.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

A caracterização inicial que Marcel oferece do que vêm a ser técnicas de aviltamento reza que estas são: “processos intencionais para atacar e destruir em indivíduos de categoria determinada o respeito de si mesmos, transformando-os pouco a pouco em resíduo que se considera tal e só pode desesperar não só intelectualmente, mas até vitalmente de si próprio”⁹. Tal foi o emprego que delas fizeram, maciça e sistematicamente, os nazistas. Depois de ilustrar essa hedionda aplicação através do relato de duas prisioneiras de guerra que sofreram na pele – literalmente! – as atrocidades cometidas por tal regime, Marcel afirma que o que se pretendia era degradar os presos e fazer com que a vida lhes parecesse impossível: estimulava-se a espionagem recíproca, fomentava-se o ressentimento e a suspeita mútua, envenenava-se as relações humanas desde a origem para que “aquele que devia ser para o outro um camarada, um irmão, fosse um inimigo, um demônio, um incubo”¹⁰.

Após vasculhar inconclusivamente quais seriam as razões para que tais técnicas pudessem ter tido lugar, o autor indica quais são as condições para que o aviltador possa efetivamente agir como tal:

O perseguidor tenta destruir em um ser a consciência, ilusória ou não, que esse ser tem de começo sobre o seu valor. É preciso que ele aos seus próprios olhos seja o que dele julgam ou fingem julgar; é preciso que aquele que nada vale reconheça a nulidade própria; e não basta reconhecê-la intelectualmente; há de *senti-la*, como nós sentimos o cheiro da decomposição, que nos obriga a tapar o nariz. Mas, por que é preciso tanto? Em primeiro lugar, (...) por ser o único meio de tê-lo à nossa mercê; um ser com um mínimo de consciência do seu valor é capaz de reacções se não perigosas, pelo menos incômodas. Por outro lado, degradando a vítima, o perseguidor reforça o sentimento de superioridade própria; põe em princípio que o outro já era virtualmente o ser de refugio em que se tornou e portanto é justo tratá-lo com o máximo de rigor. Hediondo círculo vicioso que a reflexão deve desmascarar¹¹.

Na sequência, Marcel expressa brilhantemente que há uma espécie de contradição que *condiciona a experiência do perseguidor e confere à sua ação uma qualidade própria*, uma vez que ela deve partir de algum fundo psicológico – tal como o sacrílego – que reconhece algum valor – ainda que muito distante – na realidade a que pretende aviltar.

Nesta direção, talvez seja possível – quiçá necessário! – alargar o conceito de técnicas de aviltamento cunhado por Marcel para descrever, ainda hoje, uma série de processos de vitimação (histórica) referentes a alguns grupos – étnicos, religiosos, de gênero, de conduta sexual, etc. – ou mesmo a indivíduos, na medida em que são aviltados, ou pelo menos se tem a pretensão de torná-los vis, por *pertencerem (serem)* àquela condição ou grupo específico. É notável que aquele sentimento pretendido pelo perseguidor de tornar as vítimas vis a seus próprios olhos tem ainda bastante efeito na atualidade. Quantas são as vítimas de algum tipo violência – física ou psicológica – que insistem em se sentirem culpadas não obstante a evidente condição a que foram submetidas? Negros, mulheres,

⁹ *Idem*, p. 39.

¹⁰ *Idem*, p. 41.

¹¹ *Idem*, pp. 43-44.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

homossexuais, pobres talvez listem os casos mais numerosos entre esse tipo de aviltamento... Indo além, como não perceber que as condições culturais e históricas em que estão inseridos promovem, regularmente, a contínua reprodução deste tipo de mentalidade aviltante? Quantas são as piadas grosseiras dirigidas ao aviltado? Quantos são os exemplos da linguagem que os achincalha? Quanta transmissão de pré-conceitos a inculcar, mais ou menos conscientemente, uma mentalidade *contrária* a um certo grupo de pessoas ou mesmo um certo modo de existência em que se insiste em condenar sem que se leve em conta a concretude individual humana a que aquele aviltamento se dirige!... Tem-se aqui uma nova reaproximação à ideia de historicidade como inserção numa época que urge tomada de consciência como “existência possível”. As consequências ético-políticas dessa possível tomada de consciência são evidentes.

Tal incursão daquilo que nós, no século XXI, podemos perceber como técnicas de aviltamento, e que provavelmente não estaria no horizonte interpretativo de Marcel, faz-nos perceber os tentaculares efeitos da extensão de tais técnicas, sobretudo se levarmos em conta as apreciações feitas pelo filósofo relacionando do uso da propaganda e a massa. Nesta altura da investigação, Marcel ressalva que nem toda propaganda é técnica de aviltamento. E lembra que, no passado, o termo propaganda se identificava exclusivamente com a ideia de se colocar *pró*, jamais *contra*. Tal é o sentido de anúncio comercial ou de um anúncio de *marketing*. A estratégia, nesses casos, visa *comercializar, vender* ou *mesmo ganhar simpatizantes* a um produto ou uma ideia. O que parece estar em jogo em várias propagandas associáveis às técnicas de aviltamento é que, através delas, *propaga-se uma ideia contrária, negativa* relativa àqueles que são alvo do achincalhe. Trata-se de reforçar, exatamente, o quanto aqueles que são alvo de uma nefasta propagação de ideias desta natureza são, de fato, vis e merecem ser concebidos e tratados como tais. A propaganda é deslindada como uma funesta ferramenta que pretende inculcar naqueles a quem se dirige certa *indisposição* para aquilo que está sendo apresentado negativamente. Daí que o próprio sentido da verdade está obnubilado naqueles que se atribuem a função de manipular a opinião. A partir da radiodifusão, o progresso técnico contribui de maneira ainda mais incisiva para a manipulação da opinião. Para isto, o remédio não pode ser a reivindicação de um regresso a uma (inexistente) era pré-técnica ou mesmo um ludismo. Remetendo a Bergson, Marcel afirma que “todo progresso técnico deveria equilibrar-se por uma espécie de conquista interior, orientada para autodomínio cada vez maior”¹². Esse trabalho sobre si mesmo parece cada dia mais difícil, na medida em que aqueles que deveriam exercê-lo estão eles mesmos cada vez mais favorecidos pela própria técnica. A intimidade e a profundidade podem acabar sendo dificultadas por conta do uso de mecanismos exteriores que seriam responsáveis pelo equilíbrio mesmo das existências que dependem desses aparelhos para tocar sua vida. O centro de gravidade dessas existências parece depender de um sucedâneo exterior que vem reestabelecer algo que poderia ser encontrado na própria vida interior.

Esse caminho sobrepõe pelo menos duas perguntas à investigação inicial. *Uma técnica não poderá vir a ser de fato meio de degradação humana? E: será que o fato de a técnica atual culminar na invenção dos mais formidáveis engenhos destruidores é apenas circunstancial e fortuito?* Ao rechaçar a hipótese de que a técnica possa ter um índice espiritual negativo, há uma avaliação positiva desta. Os motivos seriam ou bem o fato de a técnica encarnar uma certa potência da razão, ou bem porque ela introduziria na desordem aparente das coisas um princípio de inteligibilidade. Analisando diversas dinâmicas da presença da técnica em sua quase onipresença cotidiana, Marcel conclui que, em última instância, o uso irreflexivo da técnica pode levar à conclusão de que é a própria vida humana que se está a aviltar. O

¹² *Idem*, p. 51.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

homem da técnica pode vir a considerar, diante do caráter perfectível na feitura dos objetos e aparelhos que ela desenvolve, se não é a vida humana uma espécie de “técnica imperfeita”, na qual o mal acabamento [*le bousillage*] é a regra. Marcel parece se colocar filosoficamente ao lado daquilo que o *Admirável mundo novo* de Huxley fazia mediante a imaginação literária... Não é a manipulação genética um índice desta mentalidade? Importa ter presente o seguinte: onde a própria vida humana tende a ser aviltada nestes termos técnicos, a concretude individual humana é desvalorizada, assumida ela mesma como um mero dado da tecnociência passível de aperfeiçoamento. Nesse momento histórico, o suposto progresso da técnica levou a uma desumanidade catastrófica, como HCH vem repetindo incessantemente. O risco da idolatria, mas também da egolatria e mesmo de certo fanatismo que exalta o grupo do qual *eu* faço parte, torna-se um perigo real.

ESPÍRITO DE ABSTRAÇÃO, FATOR DE GUERRA

No estudo de HCH que intitula essa seção, Marcel procura fazer uma distinção aparentemente inusitada entre “abstração” e “espírito de abstração”. Esta distinção se revela parcialmente surpreendente porque a primeira não é admitida como negativa. Pelo contrário. Abstração, avalia Marcel, é processo mental comum e usual de nossa condição racional, psicológica. Trata-se de inteligir o que há de comum no que se analisa (“*terraplanagem*”) visando algum objetivo determinado. Pelo que acaba de ser mencionado, a abstração é mesmo uma “operação intelectual” bem específica, bem determinada.

O “espírito de abstração” consiste em tomar algo parcial (ou mesmo o “comum”) para assumir que aquilo dá conta em sua totalidade do que está a ser analisado. Numa palavra, é tomar a parte pelo todo. É não reconhecer o caráter amplo e relacional, inclusive, que o comum tem com aquilo que dele “participa”, para dizer de algum modo. O “espírito de abstração” se esquece que a abstração se estabelece em certas categorias específicas, determinadas, que, por conta de uma finalidade também específica, omite metodologicamente vários elementos constitutivos do que está em análise. Curioso, ainda, é Marcel afirmar que a abstração propriamente dita é “essencialmente intelectual”, ao passo que o “espírito de abstração” não o é. Mais ainda, uma vez que esta operação “não é essencialmente intelectual”, de que ordem ela seria? Por mais surpreendente que possa parecer, a indicação de Marcel é que o “espírito de abstração” é uma operação emocional¹³.

A partir desta distinção e da indicação de que o “espírito de abstração” é uma “operação passional”, Marcel passa a explorar o tema que intitula este capítulo de HCH, a saber: em que medida o “espírito de abstração” é (ou pode ser) “fator de guerra”. O termo

¹³ “Convém primeiro distinguir entre abstração e espírito de abstração, mas a distinção não é fácil de precisar. A abstração em si própria é uma operação mental indispensável para se chegar a um fim determinado. A psicologia esclareceu perfeitamente a ligação interna entre a abstração e a ação. Abstrair é, em suma, proceder a uma terraplanagem, que pode ter caráter verdadeiramente racional. Quer dizer que o espírito deve conservar consciência precisa e distinta das omissões metódicas necessárias para alcançar o fim visado. Mas pode o espírito, por uma espécie de fascinação, perder consciência dessas condições prévias, do que em si é apenas processo, quase poderia dizer-se expediente. O espírito de abstração é inseparável deste erro, ou antes, este erro o constitui. (...) Desde que concedemos arbitrariamente uma preeminência a uma categoria separada de todas as outras, somos vítimas do espírito de abstração. Mas o que importa é ver que apesar das aparências esta operação não é essencialmente intelectual. Conviria, na verdade, apelar para uma psicanálise generalizada que revelaria o caráter invariavelmente emocional da operação de que se trata” (*Idem*, pp. 137-8).

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

“fator” parece designar aqui a ideia de condição, mas também de motor, impulso e justificativa. A transição para esta temática se dá ao pensar que o “espírito de abstração”, apaixonado, “esquece” a noção de individualidade, de singularidade, ou “existencialidade” de cada ser humano, para tratá-lo como uma “abstração genérica” ou mesmo como membro de um grupo que, enquanto tal (isto é, como noção abstrata), é o destinatário das ações (bélicas). Desta forma, é a partir de várias noções abstratas, ao como que “entitativas”, que o confronto se justifica e se designa como “impessoal”. O outro aqui é o outro “grupo”, não a outra pessoa, indivíduo, existência. Perde-se, desta forma, a noção de “realidade individual” que marca esse outro, essa existência:

Desde que se toma consciência das raízes passionais do espírito de abstração é possível compreender que se contam entre os mais temíveis fatores de guerra; e aqui impõem-se muitas observações conexas. A mais importante, a meu ver, é a de que desde alguém [*on*] (Estado, partido, facção ou seita religiosa, etc.) pretende que eu entre em ação de guerra contra outros seres, que devo estar pronto a aniquilar, é necessário perder eu a consciência de realidade individual do ser a quem posso vir a suprimir¹⁴.

Chamo a atenção nesta passagem para o pronome “on”, que a versão portuguesa traduziu por “alguém”. Sua ideia em francês indica algo impessoal, referente ao caráter abstrato inclusive da “entidade” que promove a ação. Os exemplos entre parênteses reforçam esta ideia: *Estado, partido, facção, seita religiosa etc.* Parte-se de um “resultado” gerado pelo “espírito de abstração” que vai de encontro (contra) outro “resultado” gerado pelo mesmo “espírito de abstração”. A guerra é acionada por “realidades gerais” de parte a parte. A este respeito, a continuação do texto traz uma significativa proposição, provocação: “para transformá-lo [ao ser a quem posso vir a suprimir] em cabeça de turco [*tête de Turc*], é indispensável convertê-lo em abstração: será o comunista, ou o antifascista, ou o fascista etc”¹⁵. Novamente, a expressão em francês ajudará a penetrar mais profundamente no significado do texto. A expressão *transformar alguém em “cabeça de Turco [tête de Turc]”, de difícil tradução e assimilação em nosso idioma, quer significar como que um processo de vitimação. Isto é, transformar o outro em uma vítima da ação que se pretende exercer sobre ele. O pressuposto desse processo não é qualificá-lo por aquilo que deve ser valor(iz)ado, mas sim fazê-lo vítima de achincalhamento, de bullying, podendo com isso chegar às raias do desprezo. É torná-lo, de antemão, algo descreditável, desvalorizável e desqualificável. O juízo de valor, neste caso, é congênere ao “espírito de abstração”. O que implica, como já foi afirmado, qualificar algo tomando apenas uma parte e não ir ao concreto do indivíduo. Note-se, pois, que nem está em questão aqui a veracidade de um juízo (de valor...) como este. Apenas saliento que o outro é transformado em cabeça de Turco por “ser” incluível nos grupos, na “abstração genérica”. O outro é cabeça de Turco por “ser” “o” comunista, “o” fascista etc. Nunca por ser aquela singularidade específica... Registre-se, aqui, que “cabeça de turco” é usada em sentido semelhante a “bode expiatório” (*boue emissaire*). Mais adiante a dinâmica de vitimar certos grupos a quem se destina uma etiqueta genérica colocada por uma propaganda apaixonada aparece com todas as letras.*

¹⁴ *Idem*, p. 140.

¹⁵ *Idem*.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

Nesta direção, ideia de “massa” seria um exemplo contundente de como esse “espírito de abstração” pode chegar a um “elevado nível de sofisticação”, para dizer de alguma forma. Isto porque “massa” indica como uma abstração toma corpo sem deixar de ser abstração; como o abstrato pode se materializar sem ter carne. O termo “massa”, por si só, parece já indicar algo abstrato o suficiente para ser pensado sem “forma” concreta. Referir-se a um grupo como “a massa” não parece muito diferente da dinâmica que pretende transformar o outro em cabeça de Turco: é novamente a “generalidade” que conta. O grupo humano em questão é algo amorfo que, ao ser (des?)qualificado como “massa”, é, por isso mesmo, *deformado*. Ele não é um conjunto de seres humanos, ele é um todo genérico abstrato. Noutra sentida, *o universal autêntico* exige outro esforço. Caso não seja realizado, pode acabar por justificar, via *espírito de abstração*, as atrocidades contra aqueles que ela faz de *cabeça de Turco* ou *bode expiatório*. E é por isso que, insiste Marcel, uma abstração deste tipo leva ao horror da guerra¹⁶.

Tendo chegado até aqui, é possível afirmar que, por um lado, existe uma série compreensões que favorecem o “espírito de abstração” e, por outro, que existe uma série de obstáculos que dificultam (o retorno) ao concreto. O “acesso” à abstração está facilitado. Aceder, todavia, ao concreto parece exigir esforço. Várias são as possibilidades para se “afiliar” caso se queira compreender o ser humano em (algum aspecto parcial de) sua “generalidade”. Pensar a concretude, por outro lado, não supõe uma “filiação” deste tipo, mas envolvimento (pessoal) e capacidade reflexiva. Supõe, aliás, uma espécie de “ultrapassamento” daquilo que é passível de “abstração”. Se o que se pretende é compreender certo aspecto da realidade que está sendo analisado, ela é até mesmo desejável. Julgar, contudo, que aquele aspecto abstraído, fruto de um enviesamento metodológico, descreve a totalidade da realidade em análise é o ponto condenável. Como já foi afirmado, tal julgamento é fazer, da parte, o todo. Excede um mero problema epistemológico se o que está em questão como abstração é o ser humano. Trata-se, em certo sentido, de “reificar”, de “objetificar” o ser humano. Esse, no fundo, parece ser o ponto nevrálgico que faz com que esse “espírito de abstração” seja “fator de guerra”. Na medida em que o humano no outro tem o mesmo valor de uma coisa ou objeto, posso descartá-lo, suprimi-lo, aniquilá-lo. Todo este pano de fundo parece emergir quando Marcel afirma que o concreto é algo a ser conquistado¹⁷.

O texto passa a explorar a relação entre paz e fraternidade através de algumas densas colocações sobre o sentido da primeira¹⁸ para concluir que “não posso estar em paz comigo mesmo sem estar em paz com meus irmãos”¹⁹. A fraternidade agora praticamente pulula no texto: “ora, não pode haver fraternidade na abstração”²⁰. A dificuldade da filosofia rudimentar em que se baseou a Revolução Francesa era que liberdade, igualdade e

¹⁶ “Conviria ir mais longe e observar que o mundo atual (...) é um mundo em que as abstrações se corporizam sem deixar de ser abstrações. Por outros termos, materializam-se sem se encarnar. (...) Nesta perspectiva deveria considerar-se o uso nefasto da ideia de massa no mundo contemporâneo. As massas – eis, a meu ver, o exemplo mais típico e significativo da abstração que se mantém abstração ao tornar-se real, quero dizer, pragmaticamente, envolvendo-se força, potência. Tais abstrações realizadas encaminham-se para a guerra, isto é, simplesmente à interdestruição” (*Idem*, p. 141).

¹⁷ “O concreto é conquista permanente. O que é dado de início é uma espécie de confusão indefinível e indefinida, onde abstrações não elaboradas formam como outros tantos grupos. Para além da abstração cientificamente tratada é que pode apreender-se e reconquistar-se o concreto” (*Idem*, p. 142).

¹⁸ Cf., *Idem*, pp. 142.

¹⁹ *Idem*, p. 143.

²⁰ *Idem*.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

fraternidade se situavam no mesmo plano. Erro crasso, porém: a igualdade se situa necessariamente no plano da abstração.

Este “princípio da igualdade jurídica” é o que fundamenta a luta pela obtenção de direitos e o reconhecimento (mútuo) de deveres. Marcel, se não desdiz isso aqui, parece, ademais, afirmar que não lhe parece possível viver numa sociedade minimamente ordenada sem que haja garantias para os direitos e os deveres sejam iguais. É igualmente importante chamar a atenção para a continuação da assertiva: se isto não está garantido, o mais vil triunfa sobre o mais nobre. A noção de “nobreza” terá lugar mais adiante quando o autor explorará o conceito de “honra” e mesmo o de “aristocracia”. Importa agora destacar que aquele “princípio da igualdade jurídica” não pode descambar para um “princípio de igualdade metafísica” referente aos seres humanos; nada é mais injusto, impreciso. Este último princípio é mesmo derivado de uma abstração que só se situa no plano das “entidades gerais” a deixar que se lhe escape a concretude individual. Marcel afirma que uma igualdade nestes termos se torna uma mentira. Procurando fazer um pouco mais do que Marcel, tentarei acentuar o caráter bizarro deste “princípio de igualdade ontológica”: se a igualdade pretende se referir às existências humanas, ela pretende aplainar todos os seres humanos numa espécie de generalidade que sequer leva em conta a sua singularidade, a sua individualidade; a abstração através deste tipo de igualdade erigida em princípio metafísico nivela a concretude e a singularidade humana “por baixo”. Uma vez que a sequência menciona que este tipo de “achatamento” (“metafísico”) supostamente igualitário é visível em regimes não democráticos²¹, é razoável supor que Marcel tenha presente os regimes bolcheviques e sua expansão planetária. Se esta minha interpretação está correta, não é demasiado concluir que as atrocidades destes dois eventos políticos – Revolução Francesa e a ascensão do comunismo soviético – comungam de princípios análogos que levam à existência da guerra, entendida como “o esmagamento sistemático de milhares de seres reduzidos à impotência total”. É como se Marcel estivesse a afirmar que, por tomar como base um princípio de tratamento jurídico e para torná-lo um princípio (de tratamento?) metafísico, o comunismo soviético levasse a desigualdades ainda maiores do que aquelas que visava combater. O afã de igualdade que movia as investidas iniciais da instituição daquele sistema político teria dado lugar a desigualdades maiores do que aquelas que pretendiam consertar, como a perda da liberdade / redução à escravidão. Marcel conclui enfaticamente que a violação de um direito tão elementar quanto este só é possível por conta da existência de uma “doença da inteligência”: o “espírito de abstração”. O próprio autor se apressa em dizer que a expressão “doença da inteligência” não é de todo precisa, porque ele mesmo já afirmara que “o espírito de abstração é de origem passional”²². Seja como for, não é inoportuno afirmar o caráter epidêmico, atualmente, de tal “doença”... Também não me parece inoportuno afirmar que não há um antídoto que possa ser produzido em larga escala...

REINTEGRAÇÃO DA HONRA E INTERSUBJETIVIDADE

O estudo *Reintegração da honra* avalia a noção que aparece em seu título, procurando valorizá-la, o que se vislumbra com a ideia de “reintegração”. Numa palavra, trata-se de apresentar alguns índices pelos quais se poderia pensar a honra de ser humano, levando em

²¹ *Idem*.

²² *Idem*, p. 144.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

conta, ainda, a necessidade de reabilitar algum sentido válido para o termo “aristocracia”, não obstante essa palavra produza verdadeiros arrepios para a atualidade. Longe de um sentido aristocrático baseado em elites ou castas (e, quanto a essas últimas, tenha-se em conta seu caráter fechado e que interdita a comunicação com outros grupos), o que importa realmente é pensar a vivência daquilo que há de *melhor em nós*. Este “melhor” é mesmo a condição espiritual²³. Ao analisar a relação entre altivez, “ter palavra”, gratidão e mesmo hospitalidade, Marcel parece ter como pano de fundo pensar possibilidades em que a motivação da ação exercida seja “um modo honrado de viver”. No entanto, é possível ir além dessa apreciação para afirmar que o núcleo mesmo de HCH é uma tentativa de denunciar que o século XX viu florescer muitas formas que não honram (dignificam) a condição do ser humano. Em um mundo onde os indivíduos são reduzidos a elementos justapostos, tendem a desaparecer as relações que tomam o cuidado para com o outro, ou que simplesmente partem do fato de que aquele outro é digno, é ser humano²⁴. Cumpre reforçar que o *modo honrado de viver* liga-se diretamente a uma espécie de *nobreza*. Ora, é preciso restabelecer ou reintegrar, justamente, esta forma honrada, nobre de vida às nossas relações intersubjetivas: “A honra em todos os casos aparece ligada a uma certa simplicidade grandiosa das relações humanas fundamentais”²⁵. Em suma, a *aristocracia* é pensada no sentido de uma *forma nobre, espiritual de vida humana*. Sem fazer eco a um pensamento elitista que entende que uma classe privilegiada de nobres ou de seres superiormente capazes de uma habilidade para a vida ética que os torne melhor que os demais, o que Marcel está a dizer é que a ideia de *melhor* (*áristos*) deve mover o ser humano a pensar e viver segundo o que há de *melhor* em nossa própria condição humana. Só assim é que se poderia viver a universalidade concreta do ser humano. Só assim o ser humano pode procurar se embrenhar na aventura de uma vida espiritual no amor.

Isto posto, vejamos o que diz Marcel na conclusão de HCH. O título do prefácio de HCH é repetido como título da conclusão visando retomar a ideia de que a multidão (*masses*) não só tem cada vez mais espaço na contemporaneidade, mas, além disso, obnubila autêntica *compreensão* da universalidade humana que deve (sempre!) se voltar para o individual concreto. O papel da morte de Deus promulgada por Nietzsche na condição humana contemporânea aparece na conclusão de HCH inserida na análise de que há uma série de obstáculos para que o ser humano seja, no século XX, resgatado enquanto tal. Marcel parece conceder a Nietzsche que o deicídio leva mesmo a uma agonia do homem. Mais: é possível ainda interpretar que HCH é um quadro multifacetado da inteligência de vários lugares dessa agonia. Diante desse quadro, Marcel se propõe a evidenciar e denunciar estas condições inumanas a que o homem contemporâneo submete a si e aos demais. E é justamente o tema da ligação com os demais e com a transcendência que tem lugar na sequência da conclusão de HCH: “O homem não religioso, isto é, o homem não ligado, torna-se então o homem da rejeição (...), se [tal homem] fosse perfeitamente consequente, seria o nihilista integral”. Este último, porém, “é apenas um caso limite, uma exceção, em última análise inviável”²⁶. A riqueza desta passagem é grande. Quero, inicialmente, associá-la aqui a uma outra análise de Marcel que, estrategicamente, trago à baila apenas agora, por mencionar que o “homem que em nada crê, não existe”²⁷. De saída, é mister frisar que o filósofo francês está a indicar que a crença (fé) é algo constitutivo da condição humana. E, mais, que “crer em” é, essencialmente, “interessar-se por”. O homem que em nada crê, na medida em que não se interessa por nenhum ser, não possuiria eles vitais. É, pois, um homem sem ligações. E uma existência humana assim simplesmente não é possível. É, pois, impossível ser humano sem relações intersubjetivas e ou alheio à minha própria

²³ *Idem*, p. 225.

²⁴ Cf. *Idem*, pp. 230-231.

²⁵ *Idem*, p. 231.

²⁶ HCH, p. 236.

²⁷ *Idem*, p. 58.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

realidade circundante: “O homem que nada crê, a quem nada interessa, é homem sem ligações. Esse homem não pode existir. Tal existência é impensável; é impossível”²⁸. Unindo as duas passagens, o suposto desligamento total do niilista integral fica ainda mais evidente por conta da impossibilidade real desta *não ligação absoluta*, isto é, de um desligamento absoluto de toda e qualquer realidade. Alguma ligação, alguma conexão há de estar presente na existência humana. É o que parece afirmar a sequência da passagem supracitada da *Conclusão* de HCH, quando o autor aponta que entre os homens da rejeição tende a haver “elos desnaturados”. Os vínculos familiares e a divisão do espaço comum são exemplos de elos que tendem a uma espécie de ordenamento segundo a condição humana mesma (“naturais”):

No mundo que conhecemos (...) os seres só podem estar ligados entre si, porque na outra dimensão estão ligados a alguma outra coisa que os ultrapassa e abrange. Ora, os homens da rejeição romperam esse princípio superior e em vão tentam substituí-lo por uma ficção destituída de todo atributo ontológico, e que demais só existe no futuro. Apesar da fraseologia a que recorremos para conferir a estas ficções uma aparência de ser, isso é apenas uma situação e uma substituição²⁹.

Destas linhas, a primeira coisa que cumpre apresentar o sentido é a expressão “princípio superior”. Seria ele *aquilo que ultrapassa e abrange os seres em outra dimensão*? Esse “princípio superior” deve ser interpretado de outra forma: *a ligação dos seres entre si*. A própria citação em tela permite essa interpretação: no mundo tal como conhecemos – e não há razão que autorize a interpretação que Marcel está partindo de “outro mundo” – estamos *ligados a outros seres (humanos)*. O “homem da rejeição” está a rejeitar tal “princípio superior” para substituí-lo por uma espécie de ficção que só existe no futuro. As críticas às “filosofias da multidão” ou das massas e mesmo às “filosofias da história” que projetam esse futuro em uma realidade que deve ter lugar e que deve mobilizar nossas ações no aqui-agora da atualidade ganham nova força e novo brilho. Outra dimensão que convém trazer à baila é a ideia de que o próprio Estado pode contribuir para aquele fanatismo na medida em que pretende tolher a liberdade e cercear certos direitos fundamentais relativos à escolha e, por conseguinte, ao exercício de construção da concretude humana individual, da singularidade. Para além disso, no entanto, é notório o quanto atualmente se vive um movimento de automatização da existência e pasteurização de gostos: veste-se e consome-se o mesmo, entretém-se da mesma forma, dissemina-se informações sempre sob perspectivas semelhantes ou idênticas. O que está em questão é a *ligação* (atual) dos seres humanos que estão fixados nesta expectativa futurística: negar tal ligação nestes termos parece uma tentativa de substituição por algo que tende a fazer do outro um meio para um destino da multidão ou da história que, muito vagamente, aponta a uma sociedade que, por tudo o que acaba de ser mencionado, é imaginada a partir de certo fanatismo da igualdade. Ora, tal fanatismo é sustentado por uma filosofia que julga ser possível fazer da própria igualdade uma condição ontológica aplicável a todo *ser* humano. Esta é a razão de fundo pela qual Marcel vê neste tipo de futurismo algo destituído “de todo atributo ontológico”. Além disso:

Embora as técnicas [...] não sejam más em si mesmas, pelo contrário – tem de reconhecer-se que sem um esforço propriamente ascético para

²⁸ *Idem*.

²⁹ *Idem*, pp. 236-237.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

dominá-las e mantê-las no lugar subalterno que lhes compete, elas tendem a dispor-se e organizar-se em volta dos homens da rejeição. Facto misterioso e profundamente significativo: no nosso mundo atual, o niilismo tende a tomar caráter tecnocrático; e a tecnocracia é profundamente niilista. Digo tecnocracia: porque entre ela e a técnica deve absolutamente manter-se em princípio uma diferença, que na existência corre hoje risco de desvanecer-se³⁰.

É próprio da técnica colocar o ser humano diante de uma situação que lhe exige uma espécie de “resposta”. É como se a técnica *atiçasse* o ser humano. A palavra “atiçar” possibilita adentrarmos na dinâmica mesma que Marcel entende ser própria da relação entre a técnica e aquela resposta. Em outro texto, Marcel associa técnica e “tentação”. A compreensão da metáfora do *atiçamento* permite mergulharmos em noção semelhante à ideia da técnica como tentação sem que seja necessário adentrar nas explicações que concernem à metáfora bíblica. *Atiçar* implica a ideia de uma espécie de inquietude gerada no *atiçado*. Esta inquietude, como em geral costuma acontecer com esse tipo de experiência, não raras vezes é assumida negativamente; mas não se segue que esta provocação gerada (pelo *atiçamento* da técnica, no caso em tela) resultará em algo negativo. *Atiçar, provocar. Provocar e chamar*. Chamar a uma resposta. Ao ser *atiçado*, percebo-me envolvido em alguma situação que simplesmente não posso dar de ombros. Mesmo procurar ignorar depois de ser *atiçado* já exige um esforço. Nesta direção, o *atiçamento* supõe uma espécie de aceitação da provocação. Só se está ou se fica *atiçado* quando aquela inquietação se instaura em mim. Não é o caso e nem importa pensar aqui na própria situação provocadora, *atiçadora*. Importa que algo no real foi experimentado como um elemento que me provocou, que me *atiçou*. Esta descrição permite perceber que esta dinâmica estabelece uma espécie de tensão entre a situação provocadora (*atiçadora*) e o que se experimenta provocado (*atiçado*) naquela situação.

A técnica, ao (me) provocar, *atiçar*, coloca(-me) *em uma situação que experimento como a exigir(-me) uma resposta*. Se esta dinâmica já está instaurada (em mim), fazer(-me) indiferente é minha própria resposta ou, antes, é julgar que fugir da possibilidade da resposta é uma resposta “legítima”. Não me parece impreciso afirmar que tentação e *atiçamento* se prestem a caracterizar realidades muito diferentes: a inquietude da dinâmica de ambas é geralmente descrita como negativa, mas um olhar mais atento permite colocar a ótica (do “positivo” ou do “negativo”) no resultado que daí se segue. Numa palavra, se a tentação ou *atiçamento* resultar em algo positivo, a provocação que eu experimentei pode ser tomada desta mesma forma. Como é possível que esse resultado seja positivo? A citação parece responder a esta pergunta tomando de empréstimo outra metáfora advinda da teologia: com a ideia de *ascese*.

No contexto cristão, que, como é sabido, é o caso de Marcel, a expressão esforço ascético indica a possibilidade de o uso da técnica ser positivo. Secularizando o sentido de *ascese*, pode-se ler uma remissão ao exercício (*askêsis*, do grego) de origem espiritual a ser feito por conta de uma exigência que se tem diante de si, tal como na dinâmica *atiçamento-tentação*. Ela pode levar ao reconhecimento de que o lugar das técnicas é, precisamente, restrito e limitado, e, por isso mesmo, deve estar submetido a outras realidades que devem colocá-las no lugar que lhes é próprio. As atividades criadoras, que incluem a reflexão, são superiores à técnica (penso, sobretudo, na arte, na filosofia, na política e na religião). É

³⁰ *Idem*, p. 328.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

como se Marcel sinalizasse que, se o fazer técnico souber reconhecer o seu papel subordinado, é porque o esforço ascético produziu resultado positivo. Esta dinâmica, no entanto, exige vigilância constante, além de parecer nos conduzir ao núcleo mesmo da distinção entre técnica e tecnocracia. À técnica pode corresponder alguma realidade positiva dependendo do uso que dela fazemos (e o próprio esforço ascético visa isso). Muito diverso disso é a tecnocracia. Esta última diz respeito a uma espécie de (uma situação de) domínio que, através da técnica, instaura-se capilar e tentacularmente na constituição mesma do homem contemporâneo. Seu caráter avassalador está como que a abocanhar tudo o que encontra pela frente, tal como o Leviatã de Jó. Tais dificuldades vêm atreladas à relação mesma entre tecnocracia e niilismo.

Tendendo à interpretação que a tecnocracia soviética estabelece ligações mais nítidas com o niilismo do que a tecnocracia americana, Marcel sugere que *apenas no limite* se pode condenar igualmente a ambas³¹. Nunca, no entanto, é demais relembrar o seguinte: se o panorama geopolítico dos anos 50 faz com que essas considerações sobre o cerceamento da liberdade e o desaparecimento da concretude individual humana, da singularidade no meio da multidão nos remeta às condições de existência no interior do modo de vida soviético, é importante reforçar que tais considerações não são exclusivamente destináveis a este tipo de organização político-partidária. A força da técnica da propaganda nas ditas “sociedades capitalistas” levam a um efeito semelhante: acaba por induzir a uma espécie de “pensamento raso” onde a interioridade e a reflexão perdem espaço para o domínio tecnocrático. Emerge o homem-função, o homem-máquina, o homem-cálculo ou calculável. Viramos números. Viramos meios. Através do homem-calculável se prevê e se computa a renda que este pode produzir. O valor do homem assim considerado é *medido* através desse cálculo. Atrevo-me a afirmar que o pensamento de Marcel vê no lado estadunidense da guerra fria um posicionamento que se assemelha à escolha de um “mal menor”³².

Ao encaminhar o texto para seu desfecho, Marcel indica a necessidade de alguns avisos precisos. Entre os que são mais pertinentes para o tema em tela, estão: que “a universalidade situa-se em profundidade e não na extensão”³³, e a recusa tanto da atomização *a la* Stiner, quanto do coletivismo de inspiração marxista ou de diversas outras índoles. Essas duas possibilidades parecem absolutizar o humano, seja numa tentativa desvairada por fazer-se inteiramente des-ligado (não ligado) dos demais ou mesmo das demais realidades que o circundam; seja, ainda, porque a própria coletividade é absolutizada e, desta forma, toda e qualquer singularidade é como que posta em questão ou mesmo desprezada. A profundidade autêntica exigida pela comunhão efetiva não pode se dar nunca entre indivíduos esclerosados, centrados em si mesmos; nem na multidão. Para que a profundidade dessa comunhão efetiva exigida pelo universal autêntico tenha lugar na realidade, é necessário apontar, ainda que brevemente, à noção de intersubjetividade. A

³¹ Cf. *Idem*, p. 238.

³² A crítica mais direta que se lê ao *american life style* está em uma investigação sobre a identificação entre valor e rendimento (= rentabilidade) feita na contemporaneidade, em que o autor chama a atenção para o fato de que nos Estados Unidos da América o “valor” do conferencista é mensurado nos dólares que se “investe” para que se possa ouvir o seu discurso: “Diz-se vulgarmente nos Estados Unidos que um homem vale tantos dólares. Maurice Sachs conta no *Sabbat* que numa conferência em San Diego, na fronteira mexicana, o presidente exprimiu-se nos seguintes termos: «Minhas senhoras, honro-me de ter-vos dado a conhecer os maiores conferencistas atuais, quando ainda não tinham valor alto. Tivemos M. Sinclair Lewis, que vale hoje mil dólares, quando só custava cem! Depois, M. Dreiser... Hoje tenho a honra de apresentar M. Sachs, que vale somente cem dólares, mas em breve, esperamo-lo por ele, valerá mil; digo por ele, porque não seremos bastante ricos para tê-lo aqui» (*Idem*, pp. 155-156).

³³ *Idem*, p. 244.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

autêntica relação intersubjetiva não descarta a singularidade. Pelo contrário: apenas desde a própria singularidade é que a intersubjetividade adquire sentido.

A esta altura, a conclusão encontra ainda mais profundamente o prefácio do livro, seja ao afirmar que “no seio de grupos restritos e animados de espírito de amor pode corporizar-se o universal”; seja, ainda, ao reafirmar que a noção de aristocracia deve ser reabilitada, pois se encontra desacreditada “em nome de um igualitarismo que não resiste a um segundo de reflexão”³⁴. Ora, a *areté* reclamada corresponde àquilo que há de melhor no ser humano. Surpreendentemente, em um estudo sobre o universo espiritual de Shakespeare, a ideia de um sentido profundamente aristocrático na obra do dramaturgo aparece não no exercício do desprezo “senão que, pelo contrário, culmina em uma generosidade magnífica”³⁵. E, posteriormente, Marcel avalia que a dramaticidade do pensamento do autor inglês “se manifesta precisamente nesta forma de reconhecer a grandeza e a autenticidade ali onde estas se tornaram indiscerníveis para o comum dos homens. A generosidade se converte em uma igualdade superior”³⁶. Ora, a grandeza e a autenticidade, ligadas a uma generosidade que se transmuta em uma “igualdade superior” bem pode ser lida com uma espécie de revalorização do sentido da aristocracia que Marcel está a sublinhar também em HCH. O reconhecimento de um vínculo de “igualdade superior” é o que leva a uma superação do “fanatismo da igualdade” para a inserção em uma dinâmica que leva à compreensão amorosa do outro como sendo, a um só tempo, distinto e irmão. Numa palavra, como meu próximo. É desde aí que o surgimento daquele “espírito de amor” desde pequenos grupos adquire um sentido ainda mais profundo, muito embora seja preciso estar atento à necessidade de afugentar toda e qualquer possibilidade de se refugiar ali em algum tipo de sectarismo, o que implicaria em trair a *universalidade concreta* que deveria encarnar³⁷. Tais grupos devem se colocar permanentemente em diálogo uns com os outros, numa vivência real de *ecumenismo* (entendendo a palavra para além de sua habitual dimensão religiosa-confessional). Qualquer projeto fechado em si mesmo e encastelado em “suas verdades” ou mesmo em uma “forma correta de implantação” sem se prestar autenticamente ao diálogo é de sério risco. Isto, porém, exige não só abertura e diálogo permanente, mas também, construção permanente. Há, pois, uma espécie de exigência a “cada um de nós” para encarnar tudo isto na realidade. Quer dizer, é necessário promover em si e fora de si aquele “espírito de amor”. (O que não exclui, por óbvio, que há quem não só se recuse a fazê-lo como se empenha sistematicamente em ir de encontro a isso, movido por interesses outros – contrários! – que não o resgate do humano proposto pelo autor.) É importante reafirmar que esta tarefa não se coloca apenas ao exercício reflexivo, mas é mesmo proposta “para todos” a partir de suas condições determinadas. É desde aí (e nunca partindo de certas condições idealizadas e/ou futurísticas) que se deve atuar para se colocar em marcha à promoção daquele espírito. Considerar que as respostas a todos os problemas deslindados ao longo de HCH podem se dar desde certa condição “indeterminada” é fazer intervir novamente o espírito de abstração. Ora, foram largamente explorados aqui os prejuízos que este tipo “doença da inteligência” é capaz de provocar: “O que se pede a cada um de nós – o que pode chamar-se o nosso segredo existencial – é que descubramos a esfera, por mais reduzida, onde a nossa ação pode articular-se com a causa universal do espírito universal do espírito de verdade e amor no mundo”³⁸. Essa causa universal de Marcel se ancora na concretude individual humana, isto é, na singularidade. Ela é uma convocação a todos (daí

³⁴ *Idem*, pp. 244-245

³⁵ MARCEL, G. “Qual era seu universo espiritual?”, p. 97.

³⁶ *Idem*, p. 98.

³⁷ Cf., MARCEL, G. HCH, p. 245.

³⁸ *Idem*, p. 246.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

também sua universalidade), mas, mais que isso, ela só é possível de ser efetivada desde o concreto, nunca a partir de “condições indeterminadas”, como foi afirmado pouco acima. Não se pode partir de algum ideal pensado ou forjado para que a ação seja efetivada.

Como já foi mencionado, HCH pretende indicar quais são os obstáculos para que se possa resgatar o humano desde o próprio ser humano. O itinerário de Marcel aponta a seguinte conclusão: não obstante essa série de obstáculos, é preciso resgatar a dignidade *ontológica* do ser humano. O texto em tela perspectiva a uma espécie de “limpeza do terreno” que identifica onde estão entulhos, escolhos e mesmo aquilo que pode ser reaproveitável e reciclado. Terreno limpo, limpeza concluída, o trabalho construtivo pode efetivamente começar. É imperativo continuar a depositar fé no humano. Este é o desafio que Marcel está a conclamar em sua época e que, parece-me, deve ser atualizado no século XXI. Num tempo em que outros tipos de tragédias vêm se somar àquelas que já estavam em cena nos anos 50 do século passado, tal desafio deve mesmo ser revivido de alguma forma...

NOTAS CONCLUSIVAS: APONTAMENTOS PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA DEMOCRACIA

Uma das razões fundamentais para Marcel desconfiar de uma justificativa filosófica da democracia é a íntima conexão, vislumbrada por ele, entre a ideia de um “todos” aglutinador de multidões (= massa) a obstaculizar um *universal autêntico*. Desta autenticidade, resulta que este universal não pode se perder em abstração. Mais: a partir de um universal autêntico, sabe-se o lugar da abstração e, por isso, não é possível render culto (a uma universalidade abstrata) como um objeto de obsessão ou fanatismo. Imiscuir-se num espírito de abstração para a ação política (e nomeá-la de “democrática”) é gerar, monstruosamente, um Frankenstein, um “todo excludente”. A ameaça advinda de uma passionalidade que propõe uma abstração genérica e que, além disso, motive um “fanatismo da igualdade” deve ser repudiada. A razão fundamental para isso é: *em nossas concretudes, somos diferentes*. Similares, enquanto seres humanos, mas diferentes. Perante a lei, necessariamente iguais. Seguir esse princípio deve ser o esforço do direito, sem o qual temos o caos. É sabido, contudo, da reinante dificuldade em fazer valer este princípio por conta das inúmeras injustiças a partir das quais alguns se beneficiam por conta de seu poder, dinheiro, ou posição social. Fato: há um sem número de favorecimentos legais por conta da inaplicação daquele princípio. Outro fato: esses favorecimentos levam a manter um círculo vicioso de injustiças (sociais e outras ordens). Pode-se pensar, pois, em uma série de “desigualdades estruturais e estruturantes” que configuram inúmeros sistemas de injustiças que tornam inaplicável, de modo prático, aquele princípio da igualdade legal. Tal princípio não pode ser mero enunciado formal (pró-forma), mas quase destituído de sentido prático. Um princípio jurídico-legal formal, sem concretude, é um conceito vazio, oco; e qualquer justiça que se pretende plasmar a partir daí também tende a sê-lo... Desta forma, como o próprio Marcel alerta noutro texto³⁹, apesar de a democracia ser atualmente “o único modo possível das sociedades existirem”, ela corre o risco nefasto de se degenerar em plutocracia.

³⁹ MARCEL, G. *Para uma sabedoria trágica*, pp. 67-68.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

O filósofo francês, entretanto, está a chamar a atenção que, diante disso, não se pode admitir uma “igualdade” a todo custo e a toda “extensão”. A igualdade perante a lei é um princípio que se refere, exclusivamente, à esfera da jurisdição. Extrapolar tal esfera conduz àquele fanatismo da igualdade que exclui, justamente, aqueles não iguais. O paradoxo do “todo excludente” é o que está nas origens do nazifacismo, tanto quanto na depuração da Resistência. Tal paradoxo se baseia numa “igualdade” forjada a fórceps com não poucos horrores que a nefasta ação “daqueles iguais” levou adiante contra os “diferentes”. Igualdade jurídica, sim; igualdade ontológica é uma espécie de antimetáfora se se refere à tentativa de compreender o humano enquanto tal. Mais do que uma abstração genérica que visa um “todo” (democrático?), deve-se pensar em uma espécie de empenho que pretenda chegar à concretude individual humana (= singularidade). Igualdade diz respeito ao abstrato. Há, contudo, uma espécie de atitude e disposição comum que se comunica. Esse fator possibilitador de comunhão, essa tendência ao espírito-amor que norteia toda investigação de HCH é o que há de comum às singularidades, a cada um de nós. É possível alegar, todavia, que Marcel aponta que o espírito de reivindicação, tão caro à democracia, e a ideia de homem honrado-altivo entrem em rota de colisão⁴⁰. Ora, este é o ponto em que minha ressignificação da democracia mais vai adular o filósofo francês.

Quero dizer com isso que há uma altivez mais básica pela qual a construção democrática deve se empenhar: garantir que aquela igualdade jurídica tenha lugar, sob pena de qualquer sociedade justa não ter fundamento nenhum. Talvez seja possível pensar que, sem esta igualdade, qualquer projeto político-social está arruinado antes de começar a ser edificado.

Volto a dar a voz a Marcel: a democracia pode tender a uma espécie de nivelamento por baixo, e, não raras vezes, a motivação da igualdade é (um tipo de ressentimento por) procurar fazer com o que o outro seja tanto quanto eu em seu “pouco valor”⁴¹. Quero, agora, retomar outra discussão: não se pode transpor para o domínio metafísico aquilo que é restrito à esfera da legalidade e da jurisdição – a necessária igualdade de todos perante a lei.

Se, pois, por um lado, aquele nivelamento por baixo pode levar a um desfavor crescente; por outro, o que precisa estar em jogo para que um sistema político possa nos levar a uma condição melhor é a promoção das mais altas disciplinas, isto é, daquilo que haveria de *melhor* em nossa condição humana. Ora, daí a pretensão – aparentemente inusitada – de reabilitar a aristocracia, no sentido de reabilitar a aparição de nosso melhor (*areté*), de nosso mais nobre e aqui, novamente, temos o espírito-amor. Esse é o universal concreto a que devemos nos voltar. Essa é a potência mais nobre do *humano*: voltar-se a um mundo interior e criativo (espiritual) e à capacidade de amar.

É importante indicar que o próprio Marcel duvida da existência de uma “democracia em si”⁴². Eu não duvido: ela não existe. Há, no máximo, um *processo democrático*, sempre parcial, nunca pleno, sempre sem ser efetivado em sua plenitude.

Cabe à democracia a mesma constatação de Marcel a respeito do concreto: não é possível identificá-la desde uma esfera superior como quem vê tais conceitos desde cima (mas também de modo etéreo) e aplicar tais conceitos existentes em si mesmos desde certo princípio “em si”. Numa palavra: o concreto marceliano (e para isto ele invoca Hegel e Bergson) é conquista permanente. Pode-se ressignificar a proposta política (a partir deste princípio de Marcel) para afirmar o mesmo do *processo democrático*: este também é conquista permanente.

⁴⁰ Cf. MARCEL, G. HCH, p. 226.

⁴¹ Cf. *Idem*, p. 28.

⁴² Cf. *Idem*, pp. 32-33.

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

Já foi mencionado o quanto aquele “todo” pode – nefastamente – prestar-se a monstruosas aberrações contra aqueles (ou aqueles grupos) que se pretende excluir – ó paradoxo! – daquele todo genérica e abstratamente constituído. A isto deve ser acrescentado todo o desenvolvimento e alargamento da noção de técnicas de aviltamento, que desvendou o mecanismo psicológico de aviltado e aviltador inserido na mesma (pseudo-)lógica passional do “espírito de abstração”: o aviltador deseja fazer com que o outro passe a se enxergar sem dignidade alguma e transformá-lo em algo abjeto, desprovido de valor.

Tal “lógica” foi perpetrada de muitas maneiras, intensidades, camadas de profundidade no século XX e ainda permanece presente – com toda dor devemos confessar e reconhecer! – neste início do século XXI. E é difícil crer que estamos perto de fazê-la desaparecer!... Tudo isto parece pretender esmagar (ainda que ocultamente) a concretude individual humana e é contra esses perigos daquele todo amorfo que Marcel parece dirigir sua “desconfiança democrática”.

Não está em questão a urgente necessidade de aplicar aquela igualdade perante a lei. Pelo contrário, essa urgente necessidade deve ser salvaguardada a todo custo para que direitos e justiça sociais possam ter alguma efetividade real. Para isso, é igualmente urgente repensar a democracia enquanto *governo de um todo que é uma aglutinação amorfa*. A democracia é, assim, *construção da desigualdade* ontológica, nunca desconstrução do humano em sua dignidade ou direitos básicos. A desigualdade como espaço do diferente visa à promoção, justamente (essa ambiguidade é necessária!), da concretude individual humana, da singularidade. Perante a lei e a justiça, iguais; perante o outro, similar – nem mais, nem menos; nem pior, nem melhor, apenas diferente... com um núcleo comum – aquele universal concreto – que aponta à nossa similitude. Desta forma, Marcel desconfia de certas justificativas filosóficas da democracia porque elas podem levar, desde certo princípio abstrato de igualdade, às nefastas injustiças que outras abstrações semelhantes promoveram, esquecendo de se dirigir à concretude individual humana.

Se a ideia é resguardar esta concretude, aquilo que, no autor, motiva a desconfiança, é assumido por mim como motivação à própria ação da construção do processo democrático. Pode-se (e deve-se) partir da ideia da democracia não como um princípio etéreo, mas como a construção de um espaço sócio-político que vise promover, através do fomento das atividades criadoras, a própria concretude individual humana. Aquilo que Marcel chama de reabilitação da aristocracia, bem pode ser a meta do próprio processo democrático: promover o mais nobre, o melhor, o espírito-amor, tendo em vista o universal concreto.

REFERÊNCIAS

BERNARD, Michel. **La philosophie religieuse de Gabriel Marcel**. Étude critique. [S.l.] Les Cahiers du Nouvel Humanisme, 1952.

GARAUDY, R. **Perspectivas do homem**. Trad. Reinaldo Alves Ávila. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MALAFAIA, Paulo Alexandre Marcelino Malafaia. **Gabriel Marcel e a morte de Deus**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017. [Tese de Doutorado].

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel

MALAFAIA, Paulo A. M.

MALAFAIA, Paulo Alexandre Marcelino Malafaia. Notas sobre a noção de situação em Gabriel Marcel. *In*: Roberto S. Kahlmeyer-Mertens; Claudinei Aparecido de Freitas da Silva; Libânio Cardoso; José Francisco de Assis Dias. (Org.). **A Fenomenologia no Oeste do Paraná**: Retrato de uma comunidade. Toledo: Vivens, 2018, pp. 309-342.

MARCEL, Gabriel. **Du refus à l'invocation**. Paris: Gallimard, 1940. (De la negación a la invocación. Trad. espanhola: Mario Parajón. Madri: BAC, 2004). Republicado como *Essai de philosophie concrète*, em 1967.

MARCEL, Gabriel. Filosofia e teatro. *In*: GARAUDY, R. **Perspectivas do homem**. Trad. Reinaldo Alves Ávila. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**. Paris: Aubier, 1944. (Prolegomenos a una metafísica de la esperanza. Trad. Ely Zanetti e Vicente P. Quintero. Buenos Aires: Nova, 1954).

MARCEL, Gabriel. **Journal métaphysique**. Paris: Gallimard, 1927. (Diário metafísico. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires : Losada, 1957).

MARCEL, Gabriel. **La métaphysique de Royce**. Paris: Aubier, 1946.

MARCEL, Gabriel. **Le monde cassé**. Paris: Desclée de Brouwer, 1933. (El mundo roto. Trad. Mario Parajón. Madri: BAC, 2004.).

MARCEL, Gabriel. **Le déclin de la sagesse**. Paris: Plon, 1954. (Decadencia de la sabiduría: Buenos Aires, Emecé, 1955.).

MARCEL, Gabriel. **Position et approches concrètes du mystère ontologique**. Paris: Desclée de Brouwer, 1933. (Posicion y aproximaciones ao misterio ontológico. Trad. Luis Villoro. Cidade do México: Universidad Autonoma de Mexico, 1955).

MARCEL, Gabriel. **L'existence et la liberté humaine en Jean-Paul Sartre**. Paris: Vrin, 1981.

MARCEL, Gabriel. **Le mystère de l'être**, Paris: Aubier, 1951, 2 volumes (El misterio del ser. Trad. Mario Parajón. Madri: BAC, 2002.).

MARCEL, Gabriel. **Les hommes contre l'humain**. Paris: La Colombe, 1951. (Os homens contra o humano. Trad. V. de Almeida. Porto: Educação Nacional, s/d.).

MARCEL, Gabriel. **L'homme problématique**. Paris: Aubier, 1955. (El hombre problemático. Trad. María Eugenia Valentié. Buenos Aires : Sudamericana, 1956.).

MARCEL, Gabriel. **Para uma sabedoria trágica**. Trad. José P. F. Nunes. Lisboa: União Gráfica, s/d.

MARCEL, Gabriel. ¿Cuál era su universo espiritual?. *In*: **Shakespeare**. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1964.

MARTAIN, Jacques. **De la philosophie chrétienne**. Rio de Janeiro: Atlântica, 1945;

Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel
MALAFAIA, Paulo A. M.

MARTAIN, Jacques. **Sete lições sobre o ser e os primeiros princípios da razão especulativa**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2005;

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012;

PRADO, Germano Nogueira. Notas para uma pedagogia da singularidade. *In: Educação e Filosofia*, v. 30, n.59, pp.425-446.